

ENCONTRO NA CLÍNICA: UMA COMPREENSÃO DA AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Carolaine Aparecida Ferreira¹
Magali de Paula Silva Santana²
Alcione Januária Teixeira da Silveira³
Fernanda Pereira Bicalho⁴

psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Sociais

RESUMO

A afetividade constitui uma dimensão fundamental da existência humana, influenciando a forma como o sujeito compreende a si mesmo, aos outros e ao mundo. Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo compreender as contribuições da afetividade para a prática clínica na perspectiva fenomenológico-existencial, analisando o papel das tonalidades afetivas na constituição da experiência humana e suas implicações para o processo psicoterapêutico. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, fundamentado principalmente nas contribuições da fenomenologia existencial de Martin Heidegger e de autores contemporâneos da psicologia fenomenológico-existencial. Os resultados evidenciam que as tonalidades afetivas não podem ser compreendidas apenas como estados emocionais subjetivos, mas como modos originários de abertura ao mundo, constituindo a base pela qual o sujeito experiencia e atribui sentidos à sua existência. Observou-se que a compreensão da afetividade amplia o olhar clínico sobre o sofrimento humano, possibilitando uma escuta voltada à singularidade da experiência e ao desvelamento dos sentidos presentes na narrativa do paciente. A perspectiva fenomenológico-existencial oferece importantes contribuições para a prática psicológica ao compreender o sofrimento para além de categorias diagnósticas e explicações causais, favorecendo uma clínica comprometida com a liberdade, a autenticidade e as possibilidades de existência do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: afetividade; fenomenologia; Heidegger; tonalidades afetivas.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

² Psicóloga e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

³ Doutora e Mestre em Educação; Psicóloga e Professora no Centro Universitário Univértix.

⁴ Mestre, Psicóloga.

1 INTRODUÇÃO

Em Vigiar e Punir (2014), Foucault descreve sobre os saberes científicos, que ao longo dos anos, contribuíram para a construção de normas e padrões que definem o que seria considerado normal ou patológico, categorizando pessoas e influenciando diretamente a forma como o sofrimento humano seria compreendido. Nesse sentido, o reconhecimento do processo de adoecimento e cuidado, para além de uma perspectiva técnica e biologizante, evidencia seus atravessamentos pela experiência singular e subjetiva de cada sujeito, possibilitando assim, a ampliação da compreensão entre o fenômeno saúde-doença (Palmeira; Gewehr, 2018).

Nesse cenário, a crítica ao reducionismo técnico não se limita ao plano teórico, mas implica a abertura para compreender os fenômenos psicológicos em sua inserção social, histórica, econômica e institucional (Romagnoli, 2022). Sob essa ótica, emerge a Fenomenologia conforme proposta por Edmund Husserl, como um marco teórico fundamental para a Psicologia e a Filosofia. Ao se impor à separação entre sujeito e objeto e compreender a consciência como fonte originária de sentido, essa abordagem se direciona a centrar-se na experiência vivida (Bortolote, 2026).

Assim, para além de uma explicação sobre os fenômenos em causalidades externas, a Fenomenologia propõe descrevê-los tal como se apresentam à consciência, reconhecendo seu caráter intencional e constituinte (Bortolote, 2026). Na Clínica Fenomenológica Existencial, mobiliza-se um espaço no qual suas tonalidades afetivas, ou seja, os sentimentos mais profundos, como angústia, medo e incerteza possam aparecer e serem vividos, sem evitação, possibilitando ao sujeito defrontar-se com o seu poder-ser, isto é, sua abertura às múltiplas possibilidades de existir.

Para Araújo (2021), as tonalidades afetivas, atravessam constantemente o encontro clínico, pois trata-se de algo presente na existência humana, influenciando diretamente em como o paciente se coloca na terapia, sua abertura, suas resistências, seus avanços. A autora retrata a importância da postura aberta, atenta e implicada para compreender e perceber essas manifestações afetivas no encontro com o outro, uma vez que o que acontece na terapia não pode ser separado do modo como o sujeito está afetivamente no mundo.

Desse modo, o estudo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades do encontro na clínica a partir da abordagem fenomenológica existencial, buscando compreender o conceito da afetividade como dimensão essencial na experiência vivida. Para isso, pretende-se investigar como as tonalidades afetivas se manifestam na relação terapêutica e de que maneira a atenção fenomenológica ao vivido possibilita ao psicólogo sustentar um espaço de escuta que acolha a singularidade do paciente, respeitando sua abertura existencial e sua maneira de estar-no-mundo.

A partir da compreensão sobre a experiência afetiva no contexto clínico, o estudo visa contribuir para uma prática psicológica que saia da perspectiva reducionista e técnica sobre o sujeito, e favoreça um cuidado ético, implicado e sensível à complexidade da existência humana.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir de uma análise crítica, Bock (2004), detalha sobre a forma como a Psicologia e as ciências da saúde compreendiam o sofrimento humano. Durante anos, predominou uma visão centrada na identificação, classificação e correção de desvios considerados anormais, fortemente influenciada por um modelo biomédico.

Conforme pontua a autora, os fenômenos psicológicos eram frequentemente interpretados como problemas individuais e, como consequência, aspectos sociais, culturais e históricos envolvidos na produção do sofrimento eram colocados em segundo plano (Bock, 2004). Nessa ótica, o processo de adoecimento e cuidado trouxe ao longo de seu desenvolvimento, a necessidade de uma Psicologia que possa ir além da classificação diagnóstica, buscando reconhecer a subjetividade como elemento central na compreensão da experiência humana (Romagnoli, 2022).

Seguindo essa premissa, fundamentada nas contribuições de Edmund Husserl, a perspectiva fenomenológico-existencial privilegia a experiência vivida como principal via de compreensão do ser humano. Nesse contexto, o psicólogo deve buscar evitar concepções que reduzam o sofrimento humano a sintomas ou categorias diagnósticas previamente definidas, voltando-se para a compreensão dos significados que emergem da experiência vivida de cada indivíduo em sua relação com o mundo,

assim, procura-se compreender o significado que determinada vivência assume em sua existência (Forghieri, 2015).

Ademais, Feijoo (2010), descreve que a existência humana é entendida como um constante vir-a-ser marcada pela abertura às possibilidades e pela relação indissociável com o mundo. De tal modo, a prática clínica tem como finalidade, favorecer o reconhecimento de sua liberdade, de suas escolhas e de seu poder-ser, sendo o psicoterapeuta um facilitador desse processo de compreensão, acompanhando o cliente na explicitação de seus modos de existir (Feijoo, 2010).

Na obra 'Ser e Tempo' (2012), Martin Heidegger afirma que a compreensão do ser humano não começa pela razão ou pelo pensamento, mas pelo fato de que o Dasein já se encontra no mundo de algum modo. Para o autor, o existir é afetivamente lançado no mundo, sendo a partir dessa abertura afetiva que se tornam possíveis o pensar, o conhecer e o agir. Assim, a afetividade não aparece como algo secundário, mas como fundamento essencial da compreensão do ser-no-mundo, sendo o "encontrar-se" (Befindlichkeit), uma estrutura fundamental da existência.

Para Heidegger, a afetividade é constitutiva da própria relação do ser humano com o mundo, uma vez que o ser humano está sempre afetivamente afinado em sua relação com o mundo. Sob essa ótica, os afetos não são compreendidos apenas como estados internos ou emoções individuais, e sim como modos de abertura para o mundo. Por isso, as reflexões afetivas são "cooriginárias à compreensão na abertura do mundo", ou seja, elas participam da forma como a realidade é percebida e significada (Cardoso; Giovanetti; Evangelista, 2024).

É por meio dessa abertura que se revela o caráter lançado da existência, isto é, sua inserção em uma realidade não escolhida, a partir da qual o Dasein tem de assumir o próprio ser (Heidegger, 2012). Além disso, os estados de ânimo, nesse contexto, são compreendidos como modos pelos quais o mundo se manifesta e o existir se revela, assim como pontua Heidegger:

No ser do estado-de-ânimo, o Dasein, conforme-o-ser-do-estado-de-ânimo, já está sempre aberto como o ente ao qual o Dasein foi entregue em seu ser como o ser que ele tem de ser existindo. Aberto não significa conhecido como tal. E precisamente na mais indiferente e mais inofensiva cotidianidade, o ser do Dasein, como "aquilo que é e tem de ser isso", pode arrebentar. O puro

"que é isso" se mostra, e o de onde e o para onde permanecem na obscuridade (Heidegger, 2012, p.385).

Nessa direção, na clínica fenomenológico-existencial estabelece-se um espaço seguro no qual o campo em que o sofrimento pode adquirir sentido, enquanto via de abertura para a compreensão da existência, as tonalidades afetivas como a angústia e o confronto com a finitude podem romper modos impessoais de ser, favorecendo a apropriação das próprias possibilidades (Ricco, 2023).

A prática clínica não deve ser um espaço voltado à eliminação do sofrimento, mas sim um local de acolhimento e compreensão dos modos de existir que nele se revelam. Pois, em uma relação marcada por autenticidade, aceitação e compreensão empática, favorece ao indivíduo o reconhecimento de sua experiência, resignificação de seus impasses e o abrir-se às próprias possibilidades de existência (Rogers, 2009).

Desse modo, no contexto clínico, os afetos complexos passam a ser compreendidos como expressão dessa dinâmica existencial, contribuindo para uma compreensão mais radical da singularidade e dos sentidos que emergem em sua relação com o mundo (Cardoso; Giovanetti; Evangelista, 2024).

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. O levantamento bibliográfico foi realizado no ano de 2026, utilizando bases de dados e literatura especializada em Psicologia e Fenomenologia, com a finalidade de reunir referenciais teóricos que fundamentassem a compreensão da afetividade na perspectiva fenomenológico-existencial. Foram priorizadas obras clássicas da fenomenologia e publicações contemporâneas relacionadas à clínica fenomenológico-existencial, à afetividade e ao encontro terapêutico. Os materiais selecionados foram submetidos à leitura analítica e interpretativa, possibilitando a construção da discussão apresentada neste estudo.

A revisão bibliográfica, segundo Campos *et al.*, (2023), consiste na análise crítica da produção científica disponível sobre determinado tema, realizada por meio

de levantamento em bases de dados e fontes bibliográficas especializadas. Para este estudo, foram consultadas as bases PubMed, Google Acadêmico e PePSIC, visando à identificação de publicações relacionadas ao objeto investigado.

Assim, inicialmente foi realizada uma busca sobre o tema relacionado ao estudo. A busca foi orientada por descritores relacionados ao tema, tais como “fenomenologia”, “clínica fenomenológico-existencial”, “afetividade” e “encontro clínico”, combinados por meio de operadores booleanos quando necessário. Como critérios de inclusão, foram considerados trabalhos disponíveis na íntegra, publicados em português, e que apresentassem relação direta com a temática proposta. Foram excluídos estudos que não abordassem a perspectiva fenomenológico-existencial ou que não contribuíssem para a discussão do objeto de estudo.

Após a seleção, os materiais passaram por uma leitura inicial e, posteriormente, por uma análise mais aprofundada, com o objetivo de identificar os principais temas e contribuições dos estudos. Por fim, as informações foram organizadas e discutidas com base no referencial teórico adotado, possibilitando uma análise crítica do fenômeno investigado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Infere-se que a escuta e a fala constituem, elementos centrais do processo psicoterapêutico, configurando uma relação na qual terapeuta e cliente buscam compreender os sentidos que emergem da experiência vivida. O psicoterapeuta atua como facilitador desse processo de compreensão, acompanhando o cliente na explicitação de seus modos de existir sem ocupar uma posição de tutela ou direção (Feijoo, 2010).

Sob essa perspectiva, as tonalidades afetivas, na analítica existencial de Martin Heidegger, não devem ser compreendidas como emoções subjetivas, mas como modos originários de abertura do Dasein ao mundo (Kahlmeyer; Santos, 2020). Além disso o encontrar-se, estabelece como uma estrutura fundamental do ser-aí, referindo-se a uma condição originária pela qual o ser humano se descobre sempre situado, afetado e aberto ao mundo (Heidegger, 2012).

Ainda, Feijoo e Protasio (2021), reforçam a compreensão, de uma psicologia voltada à singularidade do existente, em oposição a modelos lógico-causais e sistemas fechados de explicação. Sob essa ótica, a psicologia existencial se configura como um saber atento à indeterminação, à tensão e às contradições próprias do existir, sendo o encontro clínico um espaço de desvelamento de sentidos e de promoção de maior autenticidade, ao possibilitar que o sujeito reconheça sua liberdade e se reposicione diante de suas possibilidades de existir (Ricco, 2023).

Assim, a complexidade afetiva evidencia que a experiência humana não se organiza de forma linear ou simples, mas se constitui em uma trama de tensões, ambiguidades e contradições que expressam a complexidade própria do existir. Nessa perspectiva, a compreensão amplia o horizonte clínico por reconhecer que a relação do sujeito com sua experiência não se esgota em modos fixos de compreensão, mas se desdobra em movimentos que podem revelar dimensões antes encobertas de si mesmo (Cardoso; Giovanetti; Evangelista, 2024).

A partir da visão existencial de Heidegger, Kahlmeyer e Santos (2020), as tonalidades afetivas correspondem a modos originários de abertura ao mundo, influenciando diretamente a forma como o sujeito compreende a si mesmo, aos outros e às suas possibilidades de existência. Tal compreensão torna-se evidente por Machado (2021), ao evidenciar que a experiência humana se constitui em uma complexa trama afetiva marcada por ambiguidades, tensões e contradições.

Nessa ótica, a afetividade deixa de ocupar uma posição secundária para assumir um papel central na constituição da experiência. Tal entendimento possui importantes repercussões para a clínica, uma vez que o sofrimento não pode ser compreendido apenas a partir de eventos objetivos ou categorias diagnósticas, mas exige atenção à maneira singular como o sujeito se encontra afetivamente afinado em seu mundo.

Ademais, a compreensão das tonalidades afetivas possibilita ampliar o olhar clínico para além dos conteúdos explicitamente verbalizados pelo paciente. Se o encontrar-se constitui uma estrutura fundamental do ser-aí (Heidegger, 2012), toda experiência narrada em psicoterapia emerge atravessada por uma determinada afinação afetiva. Desse modo, sentimentos como medo, culpa, desesperança ou

angústia não se apresentam apenas como sintomas a serem eliminados, mas como modos pelos quais o mundo está sendo revelado ao sujeito.

A clínica fenomenológico-existencial busca então, compreender de que maneira determinadas tonalidades afetivas podem restringir ou ampliar a percepção das possibilidades de existir. Machado (2021) contribui para essa discussão ao demonstrar que afetos de ruptura, como a angústia, embora frequentemente associados ao sofrimento, também podem favorecer processos de transformação ao romper modos cristalizados de relação consigo mesmo e com o mundo. Dessa forma, a escuta clínica volta-se não apenas para o que é dito, mas para o modo como a experiência se mostra e se desvela na relação terapêutica.

Diante dessa compreensão da experiência humana, o papel do psicólogo distancia-se de uma posição técnica voltada à correção de comportamentos ou à eliminação de sintomas. Conforme aponta Feijoo (2010), a relação terapêutica configura-se como um processo hermenêutico no qual terapeuta e cliente compartilham a tarefa de compreender os sentidos que emergem da experiência vivida. Nesse contexto, a escuta clínica exige uma postura de abertura, suspensão de pressupostos e disponibilidade para acolher a singularidade da narrativa apresentada.

Feijoo e Protasio (2021) reforçam essa perspectiva ao defenderem uma psicologia comprometida com a indeterminação própria do existir, recusando explicações totalizantes e modelos fechados de compreensão. Assim, o psicólogo não ocupa o lugar de especialista que detém respostas sobre a vida do outro, mas acompanha o processo de desvelamento dos sentidos da experiência, favorecendo que o sujeito se aproprie de suas possibilidades existenciais e reconheça sua liberdade diante da própria existência.

As contribuições da fenomenologia existencial também permitem problematizar modelos clínicos fundamentados em pressupostos técnico-instrumentais e lógico-causais. Enquanto abordagens tradicionais frequentemente buscam identificar causas, enquadrar sintomas e estabelecer intervenções direcionadas à adaptação do indivíduo, a perspectiva fenomenológico-existencial propõe uma compreensão da experiência humana em sua complexidade e singularidade. Conforme discutem Feijoo e Protasio (2021), a existência humana não pode ser reduzida a categorias

previamente definidas, uma vez que se constitui em constante abertura e transformação. Nesse sentido, a prática clínica passa a privilegiar a construção de sentidos em detrimento da busca por explicações causais.

Entretanto, essa postura também apresenta desafios, especialmente em contextos institucionais marcados por demandas de produtividade, protocolos de atendimento e expectativas de respostas rápidas. Sustentar uma escuta aberta à complexidade da experiência exige do profissional constante reflexão crítica sobre sua prática e disposição para habitar as incertezas inerentes ao encontro clínico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do cenário, torna-se possível identificar que a afetividade ocupa um lugar central na constituição da existência, não sendo compreendida como um fenômeno secundário, mas como uma condição fundamental pela qual o ser humano se encontra e se relaciona com o mundo. Nesse viés, as tonalidades afetivas revelam-se como modos originários de abertura à experiência, influenciando a maneira como o sujeito compreende a si mesmo, aos outros e às suas possibilidades de existir.

Os (as) autores (as) analisados (as) convergem ao defender uma compreensão da clínica comprometida com a singularidade da experiência humana, distanciando-se de modelos explicativos pautados exclusivamente em pressupostos técnico-instrumentais, diagnósticos ou lógico-causais. Nesse contexto, a escuta clínica assume papel fundamental, configurando-se como um espaço de acolhimento e compreensão dos sentidos que emergem da experiência vivida. A relação terapêutica passa a favorecer o desvelamento de possibilidades existenciais, contribuindo para que o sujeito possa reconhecer sua liberdade e responsabilidade diante da própria existência.

Além disso, verificou-se que a compreensão das tonalidades afetivas amplia as possibilidades de atuação clínica ao permitir que o sofrimento seja compreendido para além de sua dimensão sintomática. Afetos como a angústia, o medo, a culpa e a desesperança podem ser entendidos como expressões dos modos pelos quais o mundo se revela ao sujeito, constituindo importantes vias de acesso à compreensão da experiência existencial.

Por fim, verifica-se que a fenomenologia-existencial oferece importantes contribuições para a prática psicológica ao valorizar a complexidade, a singularidade e a indeterminação próprias da existência humana. Sugere-se, ainda, a realização de novas pesquisas que investiguem a aplicação desses pressupostos em diferentes contextos clínicos e institucionais, ampliando a produção científica sobre a afetividade e suas contribuições para a psicoterapia fenomenológico-existencial. Como limitação, destaca-se tratar-se de uma revisão bibliográfica, não contemplando dados empíricos.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. **Psicologia para América Latina**, México, n. 1, fevereiro. 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2004000100002. Acesso em: 14 jun. 2026.

BORTOLETE, J C. Fenomenologia e psicologia: o projeto husserliano de uma ciência eidética da subjetividade. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 14, n. 39, p. 86–107, 2026. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/1511>. Acesso em: 12 abr. 2026.

CAMPOS, L. R. M; CRUVINEL B V; OLIVEIRA De G S; SANTOS A O. A revisão bibliográfica e a pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 22, n. 57, p. 96–110, 2023. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/3042>. Acesso em: 09 jun. 2026.

CARDOSO, C. L; GIOVANETTI, J. P; EVANGELISTA, P. E. R. A. **Psicologia clínica e fenomenologia-existencial**. 1. ed. São João del-Rei: Artesã Editora, 2024.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2004000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

FEIJOO, A. M. L. C. de; PROTASIO, M. M. Reescrevendo o percurso da psicologia existencial: um retorno a kierkegaard. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 21, n. spe, p. 1-13, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S23590769202100040001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jun. 2026.

FIRBIDA, F. B. G.; VASCONCELOS, M. S.. A construção do conhecimento na Psicologia: a legitimação da medicalização. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, p. e016120, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/8YyRvGhQbXxXnD6bYHMqBFk/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 14 jun.2026.

GOMES, R.; DESLANDES, S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S.; DOS SANTOS, Giovani Augusto. Befindlichkeit e Stimmung, das tonalidades afetivas na analítica existencial de Heidegger. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 179–194, 2020. DOI: 10.12957/ek.2020.49403. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/49403>. Acesso em: 20 abr. 2026.

PALMEIRA, A. B. P.; GEWEHR, R. B. O lugar da experiência do adoecimento no entendimento da doença: discurso médico e subjetividade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 8, p. 2469–2478, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZjRYRBr74pWB6gHWXd9BktN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2026.

RICCO, R F. **Potencialidades da clínica psicológica Fenomenológico-Existencial e as possibilidades para aqueles que aí-se-encontram**. 67f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2023.

ROMAGNOLI, R. C..**Psicologia Brasileira e Políticas Públicas**: Capturas e Resistências. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, n. spe, p. e262850, 2022.